

BOLETIM DE CONJUNTURA

73

2013

2º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

A P I C C A P S

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

De acordo com o inquérito de conjuntura da APICCAPS, a larga maioria das empresas da indústria de calçado entendem que o estado dos negócios permanece suficiente, tendo melhorado ligeiramente face ao período homólogo do ano anterior. No segundo trimestre de 2013, as principais variáveis (produção, encomendas, preços) registaram evoluções positivas, embora moderadas. Na atual conjuntura da economia nacional, são de realçar os sinais favoráveis quanto à evolução do emprego.

O abastecimento em matérias-primas continua a ganhar relevo entre as preocupações da indústria, prevendo as empresas que os problemas nessa matéria se acentuem no terceiro trimestre. Os inquiridos acreditam, no entanto, que produção, encomendas e preços manterão tendências de sentido positivo, enquanto o emprego estabilizará.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

Com o apoio do programa COMPETE

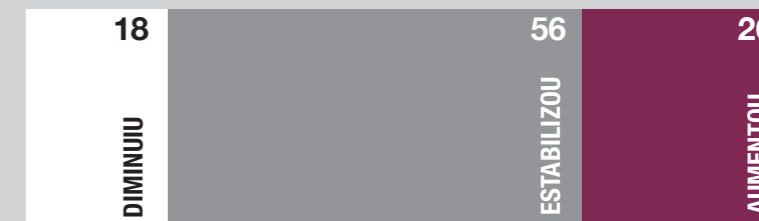
Coordenação Técnica

CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da Universidade Católica Portuguesa, Porto

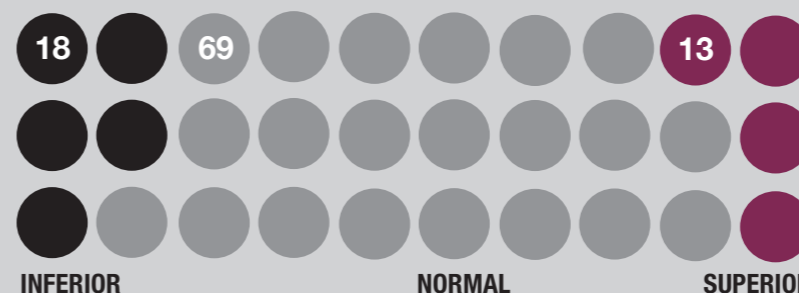
1 - APRECIÇÃO DA SITUAÇÃO DO SETOR NO 2º TRIMESTRE DE 2013

Produção

Confirmando as previsões do período anterior, no 2º trimestre houve uma tendência de crescimento da **produção**, com as empresas que declararam um aumento a excederem em 8 pontos percentuais (p.p.) as que sofreram uma diminuição. No entanto, este saldo de respostas extremas (s.r.e) é decrescente com a dimensão das empresas, pelo que a evolução global da indústria deverá ter sido mais próxima da estabilização indicada pela maioria (56%) dos inquiridos.



Utilização da Capacidade



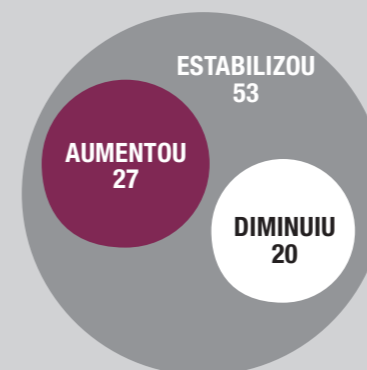
Sete em cada dez empresas dizem que a **utilização da sua capacidade produtiva** é normal para a época do ano e o saldo de respostas extremas relativo a esta variável melhorou substancialmente face ao primeiro trimestre. No entanto, as empresas que dizem que a utilização da capacidade está abaixo do normal continuam a ser mais do que as que dizem o oposto, sendo o saldo de -5 p.p.

Carteira de Encomendas

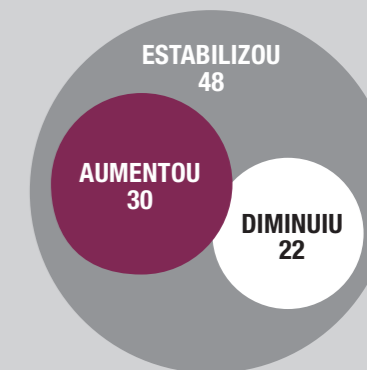
Embora mais de metade (53%) das empresas apontem para a sua estabilização, também a evolução da **carteira global de encomendas** confirmou as previsões favoráveis do trimestre anterior, com os aumentos a excederem as diminuições em 7 p.p. Tal como na produção, as respostas são mais favoráveis entre as empresas de menor dimensão do que entre as restantes, pelo que o crescimento global poderá ficar aquém do que este saldo sugere.

O s.r.e. é ligeiramente maior (+8 p.p.) quanto à **carteira de encomendas vindas do estrangeiro**, novamente com respostas tendencialmente mais favoráveis entre as empresas de menor dimensão. No entanto, é de registar que, entre as empresas que se dedicam exclusivamente à exportação, são mais as que afirmam que a carteira diminuiu do que as que declaram o contrário.

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



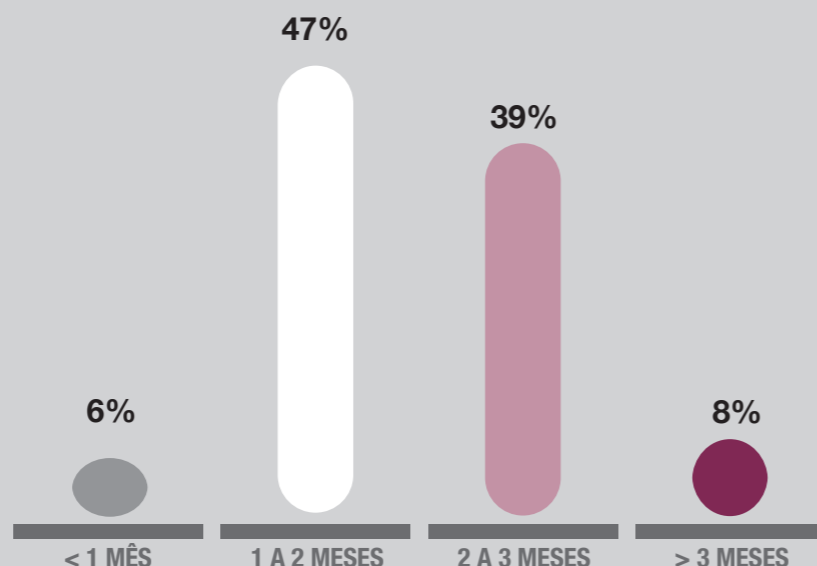
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



Horizonte

PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

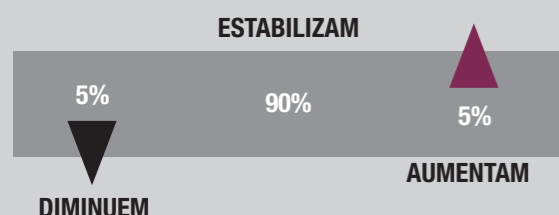
As respostas dos inquiridos apontam para concentração do tempo de produção assegurado pela carteira de encomendas em valores intermédios: a percentagem de empresas que dizem ter menos de um mês de produção assegurada é agora a menor de sempre, apenas 6%; no entanto, também a percentagem das que dizem ter mais de três meses de produção garantida se encontra em valores historicamente baixos, apenas 8%.



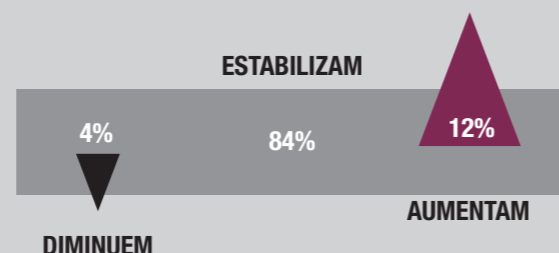
Preços

Os preços em Portugal estão estáveis: 90% dos inquiridos afirmam que assim acontece e os restantes repartem-se por igual entre as hipóteses de aumento e diminuição. Já quanto aos preços nos mercados externos, embora haja igualmente uma larguíssima maioria (84%) de empresas que apontam para a sua estabilidade, o saldo de respostas extremas é claramente positivo (+8 p.p.), sendo mais acentuado entre as empresas que vendem simultaneamente coleção própria e alheia.

EM PORTUGAL



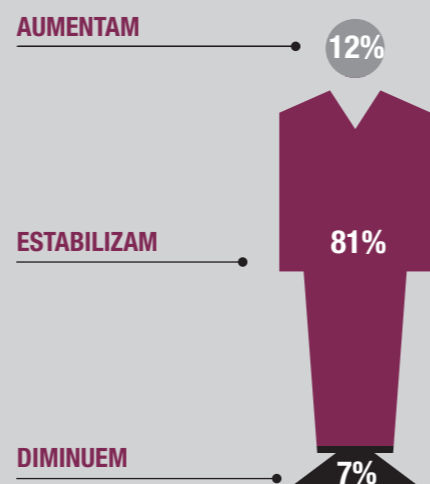
NO ESTRANGEIRO



Pessoas ao serviço

EVOLUÇÃO DO EMPREGO

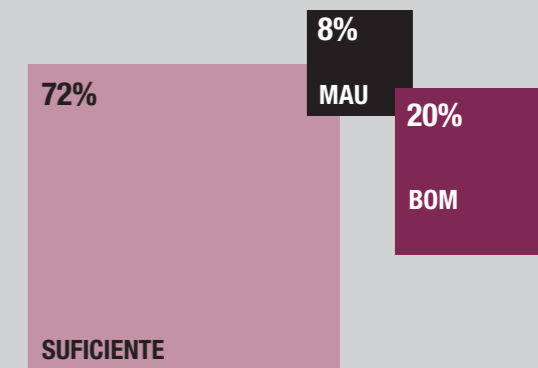
Pelo segundo trimestre consecutivo, as empresas que dizem ter aumentado o número de pessoas ao seu serviço excedem as que dizem tê-lo diminuído, sendo o s.r.e. muito semelhante ao do trimestre anterior (+5 p.p.). Embora quatro em cada cinco inquiridos digam que o emprego está estável, esta tendência de crescimento verificou-se em quase todas as categorias de empresas, em termos de dimensão e orientação de mercado.



Estado dos negócios

A apreciação geral dos inquiridos sobre a conjuntura melhorou, pelo terceiro trimestre consecutivo, com os que entendem que o estado atual dos negócios é bom a superarem em 12 p.p. os que pensam que é mau. Uma larga maioria (72%), no entanto, considera que o estado dos negócios é apenas suficiente.

Culminando um ano de melhoria gradual neste indicador, as empresas que pensam que a situação atual é melhor do que no trimestre homólogo do ano anterior excedem agora as que pensam que a conjuntura se degradou, embora por uma pequena margem de apenas +3 p.p., o que acontece pela primeira vez nos últimos dois anos. Contudo, dois terços dos inquiridos consideram que a situação permanece inalterada.



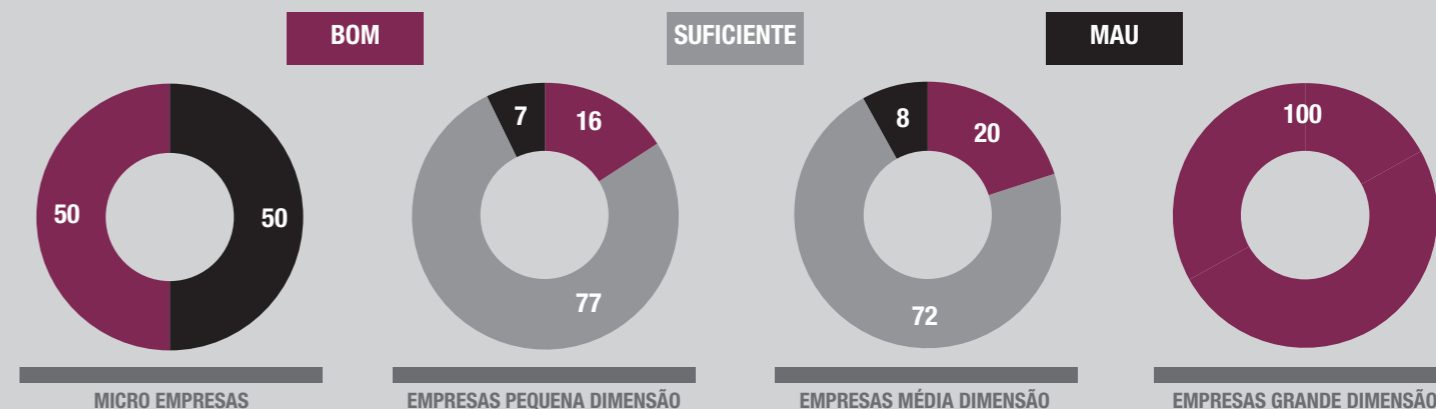
PERÍODO HOMÓLOGO



Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

Apesar das respostas positivas que as pequenas empresas deram a várias das questões anteriores, a apreciação do estado dos negócios é crescente com a dimensão das empresas. As empresas não exportadoras mostram-se mais pessimistas do que as restantes, sendo, entre elas,

mais as que pensam que o estado dos negócios é mau do que as que dizem o inverso. Neste trimestre, o peso da coleção própria nas vendas não apresenta relação com as opiniões das empresas nesta matéria.

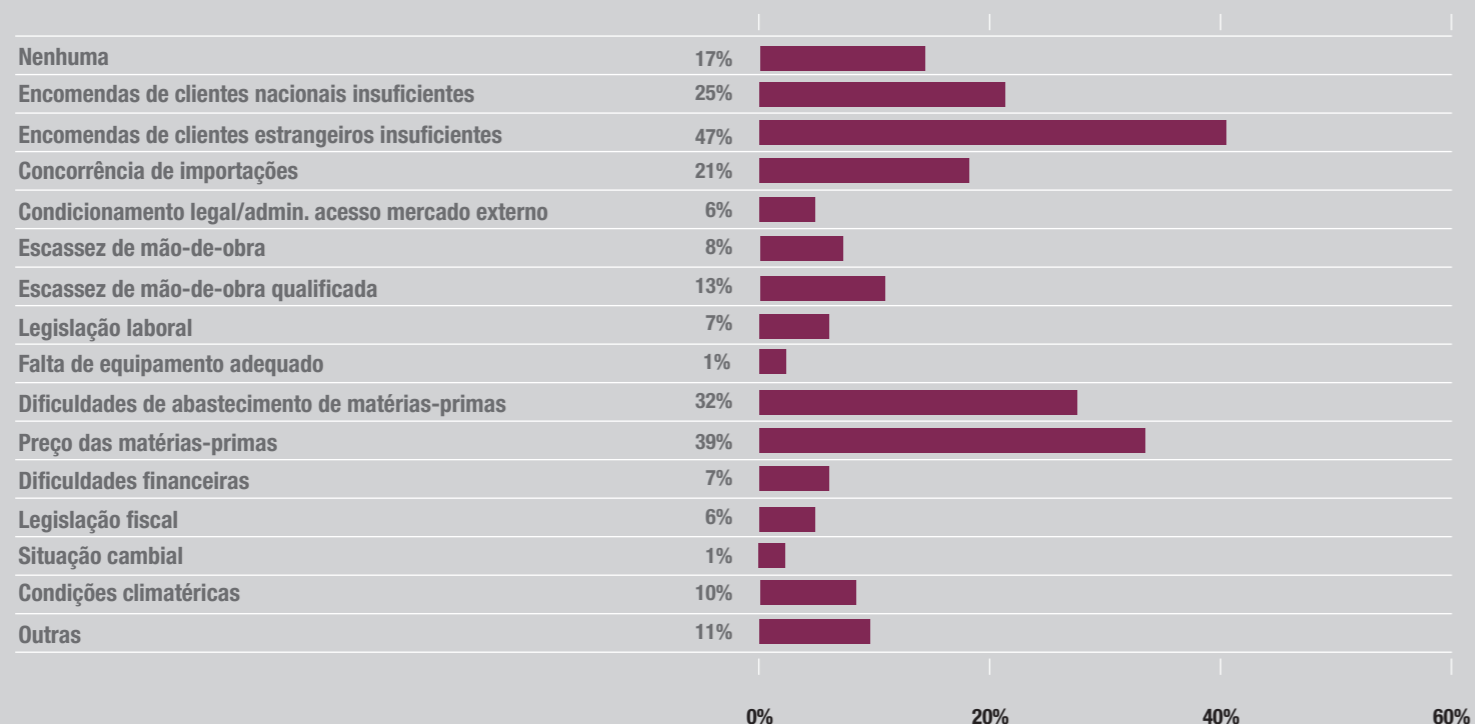


Limitações à produção

Num trimestre em que a produção e as encomendas evoluíram favoravelmente, as empresas sentiram um aumento das limitações relacionadas com o abastecimento em fatores de produção. A percentagem das que declararam ter dificuldades no abastecimento em matérias-primas aumentou de 24 para 32%, enquanto a das que se mostraram preocupadas com o respetivo preço se manteve em 39%. Por sua vez, a percentagem dos inquiridos que afirmam ter-se confrontado com escassez de mão-de-obra subiu de 3 para 8% e a dos que dizem o mesmo em relação à mão-de-obra qualificada de 7 para 13%. Estas limitações estarão também, provavelmente, associadas ao aumento, de 3 para 7%, das referências a dificuldades relacionadas com a legislação laboral. No entanto, apesar da evolução positiva da conjuntura no segundo trimestre, a principal preocupação dos inquiridos continua ser a insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros, fator mencionado por 47% das empresas.

Cerca de metade, 25%, mencionam dificuldades decorrentes da insuficiência de encomendas de clientes nacionais e uma percentagem um pouco menor, 21%, da concorrência de importações. A frequência destas dificuldades de mercado não registou, no entanto, variação significativa no trimestre agora terminado. Em contrapartida, a percentagem de empresas que referiram problemas relacionados com condicionamentos legais e administrativos no acesso a mercados externos subiu de 0 para 6%, valor que, apesar de não muito elevado, é o mais alto alguma vez registado para este fator. As condições climáticas continuam a ser uma preocupação significativa para 10% das empresas, percentagem semelhante à das que se queixam de “outras” dificuldades não especificadas.

Apesar da evolução favorável das respostas relativas ao estado dos negócios, a percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma limitação caiu significativamente, de 22 para 17%, um dos valores mais baixos já registados para esta questão. Em contrapartida, apenas 7% das empresas mencionaram dificuldades financeiras, a percentagem mais baixa dos últimos dois anos.

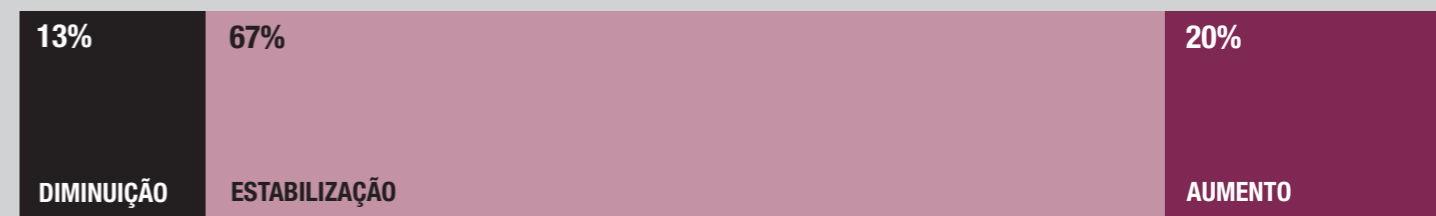


2 - PERSPETIVAS PARA O 3º TRIMESTRE DE 2013

Tendências da produção

As respostas das empresas inquiridas apontam para que, no terceiro trimestre, a produção da indústria portuguesa de calçado continue a evoluir favoravelmente: dois terços das empresas preveem que estabilize mas, entre as restantes, as que acreditam num aumento superam em 7

p.p. as que receiam uma diminuição. Entre as empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional este saldo é, no entanto, negativo.

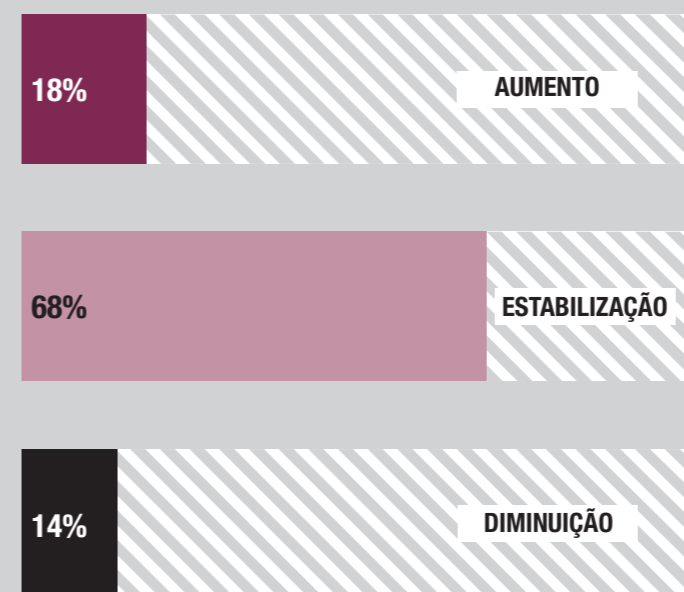


Perspetivas de encomendas

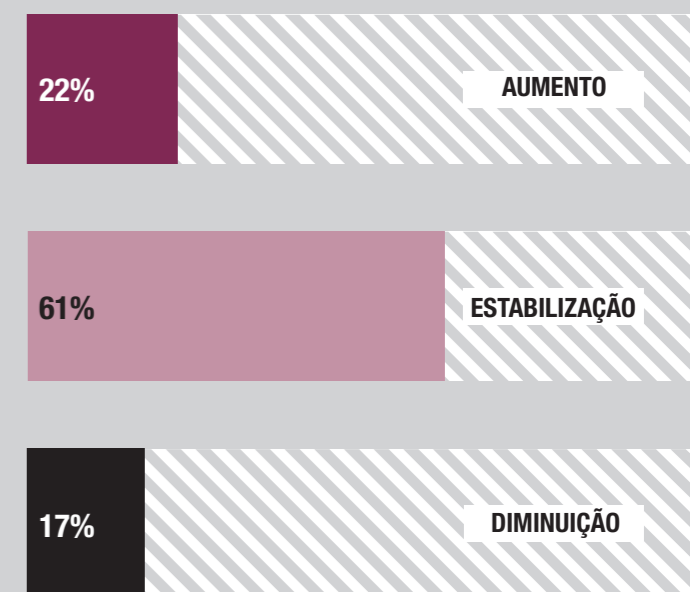
A **carteira global de encomendas** deverá ter uma evolução semelhante: 68% dos inquiridos apontam para a sua estabilidade mas o saldo de respostas extremas é positivo em 4 p.p. Contudo, tal como quanto à produção, as previsões das empresas exclusivamente orientadas para o mercado português apontam em sentido contrário.

O saldo de respostas extremas relativamente à **carteira de encomendas do estrangeiro** é semelhante (+5 p.p.) mas as empresas que apontam para a sua estabilidade são em menor número, apenas 61%, por contrapartida de um aumento do número quer das que esperam o seu aumento quer das que acreditam na sua diminuição.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTANGEIRO

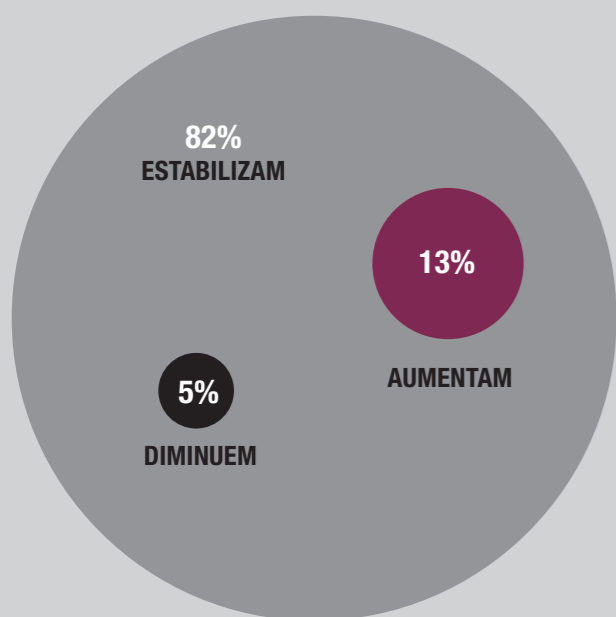


Perspetivas de preços de venda

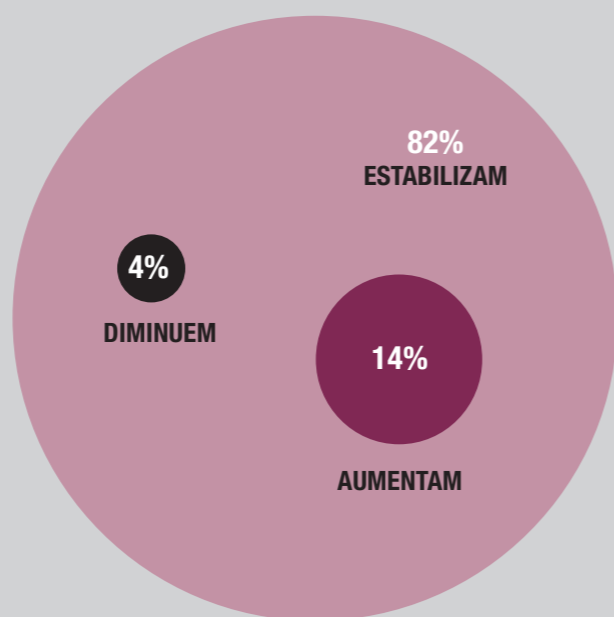
Relativamente aos **preços em Portugal**, a larga maioria dos inquiridos acreditam na sua estabilidade mas, pelo quarto trimestre consecutivo, são mais os que apontam para um aumento do que os preveem uma diminuição (s.r.e. +8 p.p.). Este saldo é substancialmente mais alto entre as empresas que vendem exclusivamente coleção própria (+23 p.p.).

As perspetivas são semelhantes quando aos **preços no estrangeiro** embora, nesse caso, com um saldo de respostas extremas algo superior (+10 p.p.). Nos últimos três anos, só por uma vez este saldo não foi positivo, sugerindo uma tendência de fundo de subida dos preços.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

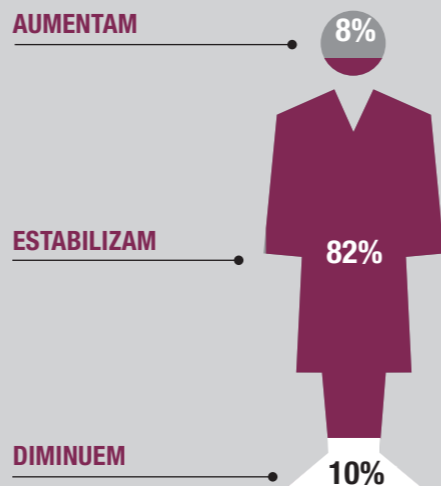


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



Perspetivas sobre o emprego

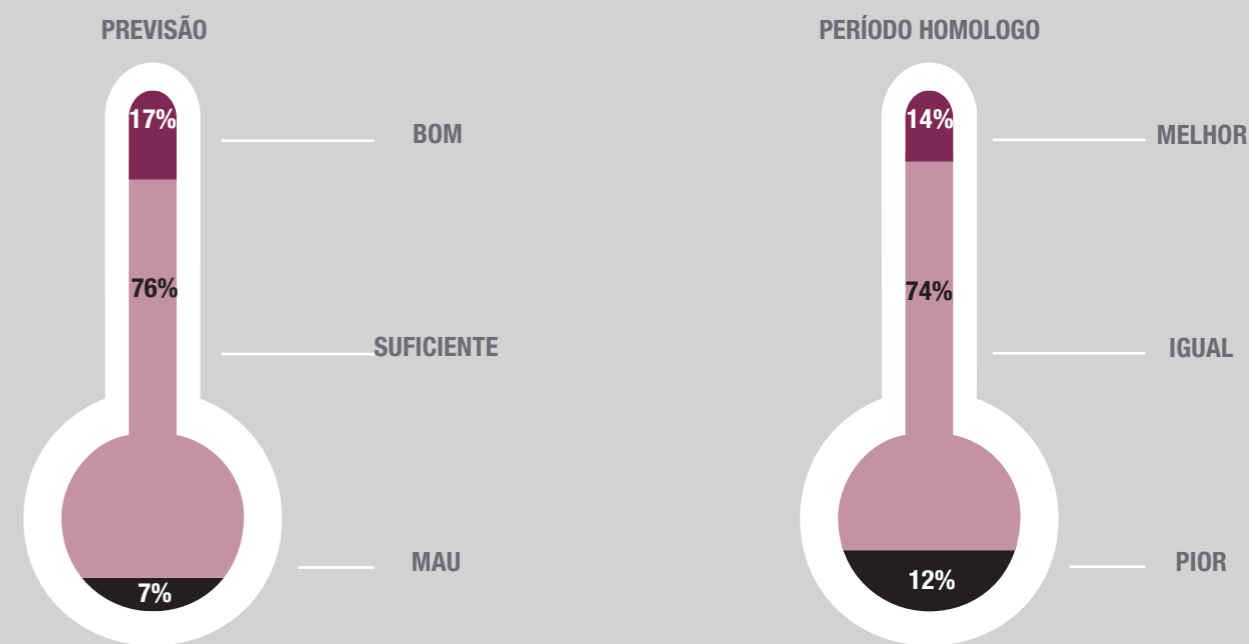
Não se preveem alterações significativas no **número de pessoas ao serviço** da indústria: quatro em cada cinco empresas dizem não esperar alterações no seu quadro de pessoal e o saldo de respostas extremas é apenas ligeiramente negativo (-2 p.p.). Entre as empresas sem coleção própria regista-se, no entanto, um saldo positivo de +8 p.p.



Perspetiva sobre o estado dos negócios

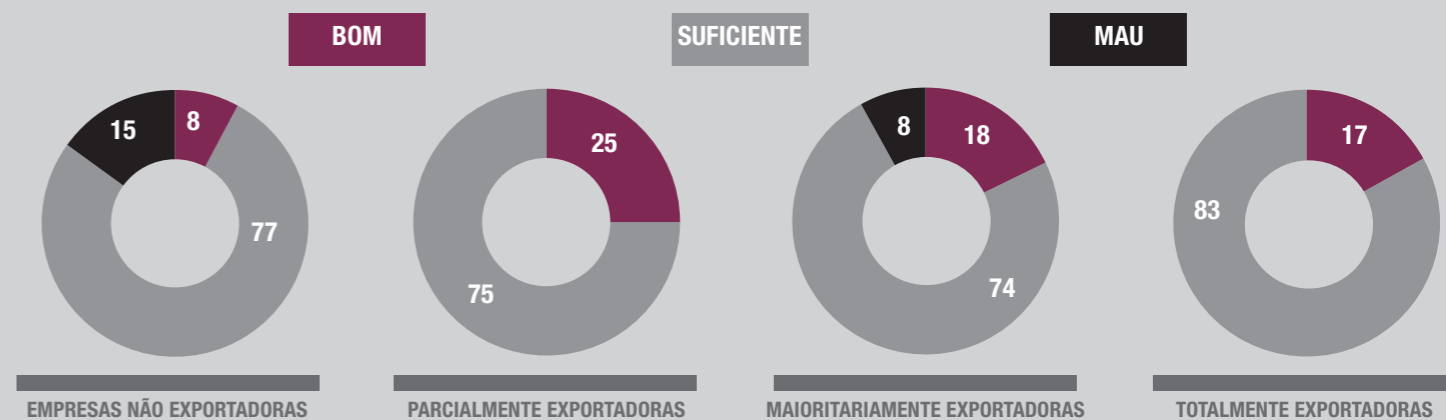
O **estado dos negócios** no terceiro trimestre deverá permanecer favorável: três quartos das empresas acreditam que será suficiente e as que preveem que será bom excedem em 10 p.p. as que pensam que será mau, saldo sensivelmente igual ao registado no trimestre anterior.

As empresas que acreditam que o próximo trimestre será melhor do que o trimestre homólogo do ano anterior são também mais, embora apenas por uma pequena margem (2 p.p.), do que as que receiam que seja pior, o que acontece pela primeira vez nos últimos dois anos, assinalando uma viragem positiva nas expectativas empresariais.



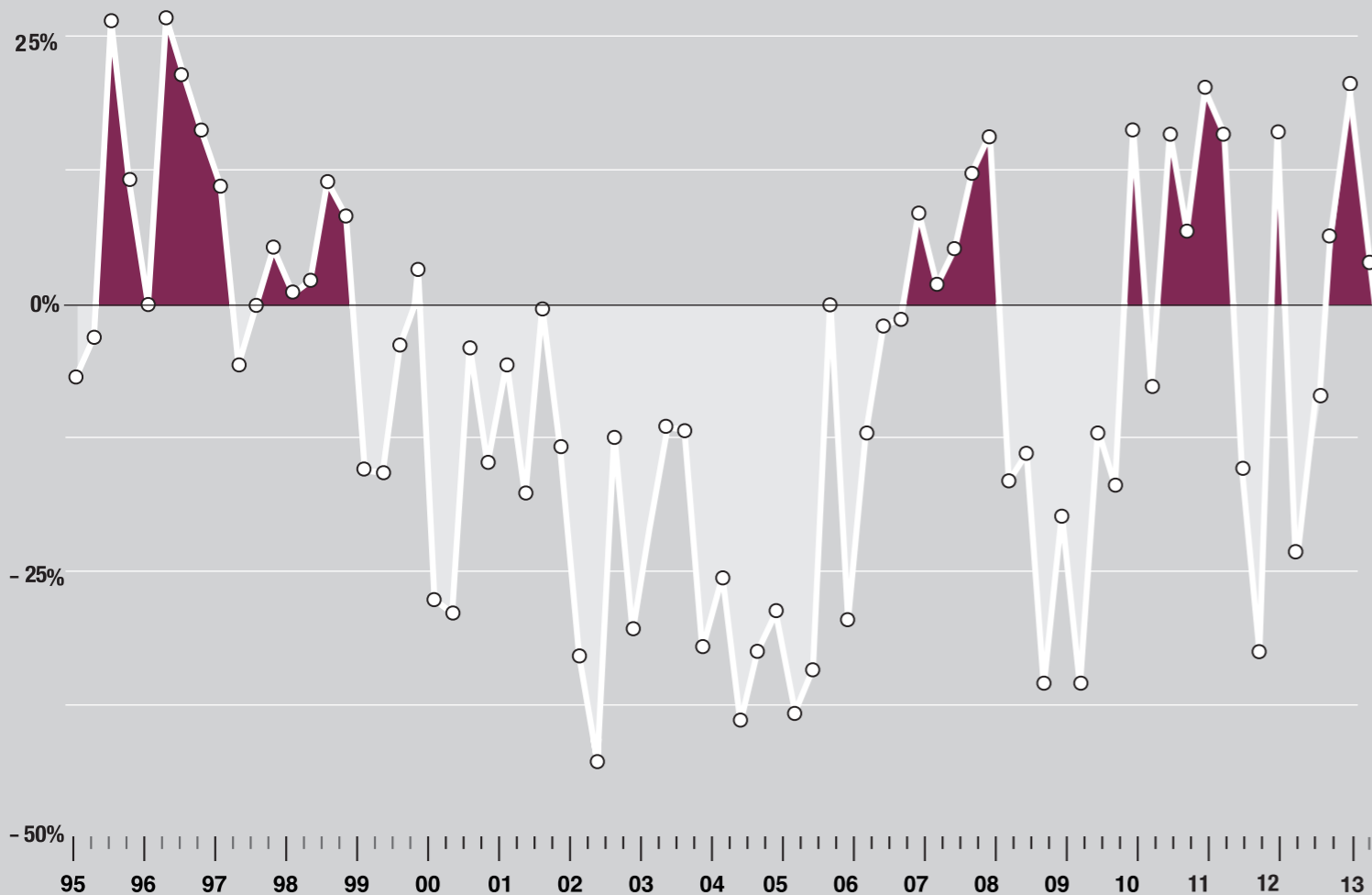
Apuramento dos resultados

As empresas orientadas exclusivamente para o mercado nacional são uma exceção ao otimismo que marca as previsões relativas ao estado dos negócios, apresentando um saldo de respostas extremas negativo em 7 p.p. A situação das empresas em termos de dimensão e peso da coleção própria nas vendas não tem relação significativa com as suas expectativas.



Indicador Síntese Expectativas Empresariais

Pelo terceiro trimestre consecutivo, o indicador síntese de expectativas empresariais mantém-se positivo, fruto das perspetivas predominantemente positivas na maioria dos itens anteriores, embora abrandando significativamente, de +16 p.p. para +2 p.p., em relação ao trimestre passando.



Para o terceiro trimestre, as empresas preveem um aumento das dificuldades mais relevantes com que têm estado confrontadas. A nível dos mercados, 50% das empresas esperam ser confrontadas com a insuficiência das encomendas de clientes estrangeiros e 26% com as de clientes nacionais, apenas não se agravando a concorrência das importações. Quanto às matérias-primas, 43% dos inquiridos preveem dificuldades com

o seu preço e 33% problemas no abastecimento. E quanto à mão-de-obra, 10% esperam defrontar-se com a sua escassez e 14% com a escassez de mão-de-obra qualificada. Em contrapartida, as empresas acreditam num abrandamento dos problemas decorrentes das condições climatéricas, fator mencionado por 6% dos inquiridos.

Notas de Conjuntura

O Fundo Monetário Internacional publicou, em Julho, uma atualização das suas perspetivas para a economia mundial (World Economic Outlook). As suas previsões de crescimento económico baixaram ligeiramente em relação às que tinha apresentado em Abril.

“Prevê-se que o crescimento global se mantenha contido a uma taxa ligeiramente acima de 3 por cento em 2013, a mesma que em 2012. Esta taxa é inferior à prevista no World Economic Outlook de Abril de 2013 devido, em grande medida, a uma procura interna significativamente mais fraca e a um crescimento mais lento em várias economias emergentes chave, bem como a uma recessão mais prolongada na área euro. Os riscos de sentido negativo para o crescimento global ainda predominam (...) Um crescimento global mais forte vai exigir medidas de política adicionais. (...)”

A área euro permanecerá em recessão em 2013, com a atividade a contrair mais de 0,5 por cento. O crescimento aumentará para ligeiramente menos de 1 por cento em 2014, mais fraco do que anteriormente previsto (...).

Em síntese, o crescimento global recuperará de ligeiramente mais de 3 por cento em 2013 para 3,75 por cento em 2014, cerca de 0,25 por cento mais fraco, para ambos os anos, do que nas previsões de Abril.”

Fundo Monetário Internacional, World Economic Outlook Update, julho 2013¹

Também em Julho, o Banco de Portugal publicou o seu Boletim Económico de Verão e as correspondentes previsões económicas para a economia portuguesa. Segundo o comunicado que divulgou esta publicação:

“As projeções para a economia portuguesa encontram-se rodeadas de uma incerteza particularmente elevada, associada aos recentes desenvolvimentos internos, que se adiciona às exigências da indispensável implementação do programa de ajustamento económico e financeiro. (...) Para 2013 projeta-se uma contração do Produto Interno Bruto (PIB) de 2,0 por cento, refletindo uma forte queda da procura interna e um aumento significativo das exportações. Para 2014 antecipa-se um aumento do PIB de 0,3 por cento, num contexto de forte redução da despesa pública, abrandamento do ritmo de queda da procura interna privada e manutenção de um crescimento robusto das exportações. (...) A atual projeção para o crescimento do PIB em 2013 representa uma revisão em alta de 0,3 p.p. face à publicada no Boletim Económico da Primavera, refletindo, em particular, uma evolução mais favorável das exportações de bens.”

Banco de Portugal, Boletim Económico – verão 2013, julho 2013

Banco de Portugal, Boletim Económico – verão 2013, julho 2013¹

Os dados de conjuntura mais recentes do Instituto Nacional de Estatística mostram sinais, ainda ténues, de melhoria ou, pelo menos, de abrandamento da degradação da situação económica portuguesa:

“O indicador de clima económico manteve em junho o perfil ascendente observado desde o início do ano, após ter registado o mínimo da série em dezembro. O indicador de atividade económica tem vindo a apresentar reduções progressivamente menos expressivas desde outubro de 2012. (...)”

O índice de volume de negócios na indústria apresentou variações homólogas menos negativas nos últimos dois meses (...) interrompendo a tendência decrescente iniciada em junho de 2010. (...) O índice de produção na indústria apresentou uma variação homóloga de 1,8% em maio (-0,1% no mês anterior), registando a primeira taxa positiva desde março de 2011, na sequência da trajetória ascendente iniciada em março de 2012. (...)”

Por sua vez, o saldo de respostas extremas das opiniões dos empresários da indústria transformadora sobre a procura global, recuperou entre dezembro e junho, de forma ligeira no mês de referência, invertendo o movimento descendente observado desde outubro de 2010. (...)”

O indicador quantitativo do consumo privado, disponível até maio, apresentou uma diminuição homóloga menos intensa nos três últimos meses, retomando o perfil ascendente observado desde o início de 2012. (...) O indicador de consumo corrente apresentou uma redução menos acentuada entre março e maio, sobretudo no último mês, retomando o perfil ascendente iniciado no final de 2011. Em abril e maio esta evolução refletiu o contributo negativo menos expressivo da componente não alimentar.

O indicador qualitativo do consumo, baseado nas opiniões dos empresários do comércio a retalho, apresentou uma redução menos significativa em junho, prolongando a trajetória ascendente iniciada em março (...). Por sua vez, o indicador de confiança dos consumidores aumentou no mês de referência, após ter diminuído em maio, retomando a recuperação observada depois de atingir o valor mais baixo da série em dezembro. (...)”

De acordo com os resultados preliminares do comércio internacional de bens, em termos nominais, as exportações passaram de uma variação homóloga de 2,8% em abril para 5,7% em maio, mantendo o perfil crescente do mês anterior. (...)”

Instituto Nacional de Estatística, Síntese Económica de Conjuntura, julho 2013

**PORTU
GUESE
SHOES**
DESIGNED BY
THE FUTURE

